O DEMOCRATA

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

(AVENÇADO)

ANO 33.º — Sábado, 21 de Setembro de 1940 — N.º 1647

VISADO PELA CENSURA

O Congresso Beirão

Em Vizeu, terra que encarna a alma heróica e beirã de Viriato, realizou-se, êste ano, o VII Congresso Beirão.

Os congressos regionalistas, estas manifestações de espírito localista são dignas de atenção e aprêço.

A-pesar-das actividades regionais não terem ainda aquela eficiência prática, que seria para desejar, é bem reconhecida a sua utilidade, os seus anseios de progresso e a aspiração de congregar energias, vontades e valores ao serviço do bem-estar, dos interesses legítimos, das justas reclamações dos povos e da cordialidade e harmonia entre as terras e os homens.

Uma das causas e, talvez, a fundamental, das teses, dos estudos, dos alvitres e do labôr dos congressos não se traduzirem e corpororizarem em factos e realidades progressivas e fecundas, deve-se à razão de não se manter activo, enérgico, dinâmico, em total e plena presença, o espírito que presidiu e originou essas magnas assembleias locais.

E' necessário acção e actuação permanentes. E' indispensável conservar sempre acêsa e viva a chama sagrada do ideal.

Não é, entre nós, muito abundante, profundo e perseverante o espírito associativo, que é a base, o fulcro e a espinha dorsal do espírito regional.

Se há um pensamento regionalista que se pode considerar o terreno comum, o lar generoso e livre onde tôdas as inteligências, tôdas as sensibilidades, tôdas as culturas e tôdas as dedicações se podem encontrar sem se insultarem, e trabalhar conjuntamente sem vir o miásma político perturbá-las, é no espírito de associação e no espírito de espontânea simpatia que se têm de filiar êsse pensamento e essa alma.

Oxalá o Congresso Beirão tivesse atingido os seus fins de devoção patriótica em harmonia com os interesses nêle debatidos.

J. Carreira

IMPRENSA

Notícias de Evora

Completou 40 anos o diário que na cidade-museu se publica sob a direcção do sr. Joaquim dos Santos Reis e ao qual endereçamos, por tal motivo, as nossas felicitações.

NA CURIA

A distinta pianista sr.ª D. Joana Tavares de Melo vai realizar, no dia 29 do corrente, pelas 15 horas, nesta estância, um sarau de arte, em que mais uma vez porá em evidência os seus recursos e vastos conhecimentos musicais adquiridos no Conservatório de Lisboa.

Está ainda na memória dos aveirenses o concerto que, há pouco mais dum ano, realizou no nosso teatro e que teve foros de acontecimento artístico, augurando-lhe, por isso, um novo sucesso.

Uma parte da receita líquida—10 %—reverterá a favor das instituïções de beneficência da Curia e da Cruz Vermelha Polaca.

O ARROZ

Continua a faltar nos estabelecimentos da cidade e o que aparece à venda é de inferior qualidade. No entanto dizem-nos que no Pôrto há quanto se queira.

Não percebemos nada.

MÁRIO DUARTE

Pensa-se numa nova homenagem a prestar à memória do saudoso *sportman*, que consistirá na colocação duma figura alegórica no Campo de Jogos que já tem o seu nome, encimada por um medalhão com o seu retrato em relêvo.

A ideia pertence ao *Sport Club Beira-Mar*, de que Mário Duarte foi presidente honorário, devendo a sua inauguração ter lugar, possivelmente, em Dezembro, a quando do primeiro aniversário da sua morte.

O Democrata apoia, sem reservas, a ideia, que não deixa de ser interessante, pois ninguém se dedicou com tanto afinco e persistência ao desenvolvimento físico do nosso povo e à causa desportiva como esse esforçado propagandista das belezas da nossa terra, que tanto amou e à qual tanto queria.

Comboios da C. P.

Uma recente alteração do horário distribuiu de tal maneira os comboios para o Porto que três seguem com curtos intervalos do lado da manhã—às 5,27, às 5,41 e às 6,37. Depois dá-se um intervalo de perto de 5 horas sem haver nenhum!

Não poderá a Companhia remediar êste mal, mesmo para seu próprio interesse?

VISITAI O PARQUE DA CIDADE

Efemérides

21 de Setembro

1792 — A Convenção Francesa vota a proposta do abade Grégoire, proclamando a República.

1835 — São proïbidos os enterramentos nas igrejas portuguesas.

1909 — O aviador francês, Rougier, bate o *record* da altura, chegando a atingir 198 metros e meio.

Cartas a uma amiga de longe

Setembro, 940

Minha querida:

Estendida na praia, o *maillot* bem subido não vá o cabo do mar escandalizar-se, enquanto a espuma diáfana me bate no rôsto, as ondas me quebram aos pés, o sol me pigmenta o corpo e se reflete em milhões de centelhas no mar revolto e a brisa sopra brandamente a enfunar as velas dos barquitos que passam lá longe, venho responder a uma carta que há tempo recebi.

Preguntavam como é que nós—a mocidade—conseguimos matar o tempo ou passá-lo bem, numa praiazita pequena e quási sem movimento. Vê-se logo pela pregunta que quem a fez é pessoa que não sabe por si sò preencher o vácuo que muitas vezes nos rodeia, ou tirar partido da insignificância que nos primeiros momentos nos aborreceu até. Como se houvesse alguém que fôsse tão papalvo que abrisse a bôca de tédio ao contemplar a obra gigantesca e sempre nova da Natureza!

Um exame a essa qualquer coisa a que o homem não pôs a mão, que por si só apareceu e que é belo, basta para nos distrair, nos divertir, até, se outras diversões mais ao alcance de todos não existissem. Ora na praia, mesmo na insignificante e insípida, há sempre muitas coisas que nos distraem e que fazem com que o tempo passe apressado e deixe pena de tal correria.

O banho de mar em lindas e quentes manhãs de sol!

Haverá coisa melhor?

E' colorida, movimentada, alegre essa hora!

Corpos ao ar, ao sol, morenos, sãos. Saltos para o mar, mergulhos, natação, jôgo de bola, gimnástica, correrias... E a gente moça, sempre bem disposta e que do nada, que não tem graça nenhuma, tira um partidão, adora o banho, a manhã da praia e acha que ela passa num ritmo acelerado de mais.

E a tarde, à beira-mar, e no fim o espectáculo fantástico e maravilhoso do poente?!

Perto duma barraca grande onde não está ninguém—a gente de hoje não teme o sol—e que por isso apenas serve de *chamadouro* e de ponto de reünião, há raparigas e rapazes. E' a hora da conversa e do amor.

Os namorados acham a calma da tarde mais propícia às suas conversas amorosas, ao arquitectar de quimeras e castelos no ar, que com o correr dos dias se vão transformando em castelos de areia e que, no fim do verão, ficam enterrados na praia... Mas que importa? Foram o passatempo agradável da época e a recordação romântica da temporada que findou.

A' noite há a dança e os passeios ao luar, enquanto o mar murmura a sua balada eterna à areia, sua companheira fiel.

A amar, a dançar, a passear, a pensar, a arquitectar quimeras e ilusões, não é possível aborrecer-nos. A praia pode ser triste, feia mesmo, mas cá está a nossa vida, a nossa mocidade, a nossa alegria a torná-la outra—a transformá-la e a encher o ambiente do mais que necessita.

Um abraço muito apertado da

Zèmi

Papel caro e ordinário

E' assim mesmo; dizemo-lo franca claramente, sem papas na língua: o papel que a indústria nacional fornece à imprensa da província nas condições especialíssimas que aqui temos apontado, não é só caro—é também ordinário, trazendo as maiores dificuldades à impressão.

E, segundo nos dizem, no próximo mês de Outubro vai subir mais 25 %.

Resignadamente suportaremos todos os sacrifícios, esperando por melhores dias, que—temos fé!—ainda hão de voltar.

O preço do papel trouxe às administrações dos jornais um desiquilíbrio tão grande que só os subsidiados têm podido aguentar-se no balanço. Os restantes estão na penúria, vivem, quási, na miséria!

A isto se chegou!

Sem que até agora aparecesse quem mostrasse interesse pela chamada *imprensa regional*, livrando-a da asfixia.

Senhora das Dôres de Verdemilho

A-pesar-da noite se apresentar húmida e nevoenta, o que de certo modo prejudicou o fôgo dos hábeis pirotecnicos de Viana do Castelo, José de Castro & Irmão, a romaria à quinta da ilustre família Tavares Lebre foi concorridíssima de forasteiros, que a animaram extrordinàriamente.

As iluminações, como sempre, de bonito efeito, e os cinco *jazzs*, que, em diversos pontos do arraial se fizeram ouvir, deram ao conjunto a nota alegre, já que do passado nem a mais leve centelha apareceu.

Outros tempos.

A frota bacalhoeira

Já se encontram na Gafanha alguns dos nossos barcos, depois de terem aliviado a carga em Leixões para poderem entrar a barra.

Triste sina.

Capela das Barrocas

O Seculo, pela pena do seu esclarecido correspondente, Aurélio Costa, pôz, há dias, em destaque o abandono a que foi votado o curioso templo erguido no limite nascente da área da cidade no primeiro quartel do século XVIII, e chamando para êle a atenção de quem superintende num organismo destinado a olhar pelos monumentos nacionais, lembra a urgente necessidade de vir acudir à capela das Barrocas, rara, no género, e por isso digna de ser conservada.

Acompanhamos no seu apêlo oportuno o correspondente do diário lisbonense, pois se trata duma velha relíquia da nossa terra.

Eclipse do Sol

Anuncia-se para o dia 1 de Outubro, não sendo, porém, visível em Portugal.

Nada interessa, portanto. Ao contrário do que teve lugar em 1900 e cujo espectáculo foi ultra grandioso.

Conferência ilustrada

No quartel de Cavalaria realizou quarta-feira, à noite, como noticiámos, uma conferência sôbre remonta na Argentina, o sr. major-veterinário, dr. António Lebre, à qual assistiram bastantes convidados e elevado número de oficiais e sargentos daquela arma.

Presidiu o sr. general Manuel Latino, secretariado pelos srs. dr. Euclides Simões de Araújo, reitor do liceu; coronel Teodorico dos Santos e major Diamantino Amaral, de Infantaria 10, representando o seu comandante.

O nosso amigo dr. António Lebre, que falou durante duas horas, fez ilustrar o seu trabalho com projecções luminosas de belo efeito.

Recebeu, no final, uma prolongada salva de palmas e os cumprimentos da assistência.

PARA A EXPOSIÇÃO

Parte àmanhã às 7 horas e 55 minutos para Lisboa o primeiro combóio desta cidade com excursionistas que vão visitar a Exposição do Mundo Português.

Feliz viagem.

Carta de Lisboa

A repressão do nudismo

Todo o país recebeu com o maior e mais compreensível aplauso as medidas adotadas pelas autoridades no sentido de reprimir o nudismo que escandalosamente se vinha fazendo nas nossas praias.

De novo nós soubemos afirmar a saúde moral que, felizmente, nos caracteriza.

Embora as nossas praias tenham presentemente uma concorrência de estrangeiros que suplanta, em muito, a dos nacionais, nem isso mesmo fez com que as autoridades deixassem de proceder contra o que vinha constituindo um verdadeiro atentado aos nossos costumes de decência.

De resto, nem desta repressão os estrangeiros, talvez habituados ao exagêro de certas licenças, têm de se queixar.

Nós vivemos a nossa vida, com os nossos costumes, a nossa tradição, a nossa moral.

Receber bem todos os que nos visitam é uma coisa; transigir com hábitos e práticas que não são os nossos, outra muito diferente.

Aceitar a moral de elementos provocadores, sejam êles estrangeiros ou nacionais, seria não só criminoso como cobarde.

E, felizmente, nem uma, nem outra coisa é o Portugal de 1940.

A vinda do Rei Carol

A vinda do Rei Carol para Portugal é mais uma prova provada do quanto está arreigada em todo o mundo a convicção de que Portugal é, presentemente, um dos poucos recantos da Europa—senão o único—onde pode gozar-se uma verdadeira paz.

O antigo soberano romeno, que é neto duma Infanta portuguesa, que tem a correr-lhe nas veias sangue português, ao pisar a nossa Terra, deve sentir-se com justo orgulho da sua ascendência, com justo orgulho de ainda pertencer a uma raça que tão nobre e valorosamente tem sabido afirmar-se perante o Mundo.

O Banco de Portugal e Salazar

Tem direito a especial relêvo a homenagem prestada pelo Conselho Geral do Banco de Portugal a Salazar no momento em que o Presidente do Conselho abandonou a gerência da pasta das Finanças.

Prova eloqüente e elucidativa do valor da obra do insigne estadista, vamos aqui arquivar êsse interessante documento, que reza assim:

«Excelência:

O Conselho Geral do Banco de Portugal, na sua primeira reünião após a saída de V. Ex.ª da pasta das Finanças, prestou homenagem calorosa a V. Ex.ª pondo em relêvo os altos serviços que V. Ex.ª naquela pasta facultou à Nação com o seu ressurgimento económico e financeiro, ponto de partida da nossa actual e prestigiosa situação política interna e externa, e bem assim recordou a acção de V. Ex.ª quanto ao Banco de Portugal, que lhe permitiu desempenhar a sua função em novos moldes e com evidente e a maior utilidade para a economia nacional. E' o que tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª.

Não precisa V. Ex.ª desta homenagem—sincera e unanime—do Conselho do Banco de Portugal; mas de-certo nos permitirá que, no momento em que abandona a pasta das Finanças, lhe tributemos o reconhecimento de uma instituïção em que tão profundamente se fez sentir a acção reformadora e construtiva de V. Ex.ª.

Peço licença para apresentar a V. Ex.ª os meus cumprimentos de maior consideração».

E' êste o prestigio de Salazar. E' êste o valor enormissimo da sua obra, confessado, gritado alto e bom som por um organismo que é dos que maior e melhor competência têm para o fazer.

GIL DO SUL

Uma obra citadina de vulto

Irá desta ou continuarão os anos a passar sôbre os estudos de que depende?

Sabemos que a edilidade aveirense, no louvável intuito de atacar, de frente, os problemas citadinos mais instantes, anda, de novo, às voltas com a modificação das pontes do centro da cidade.

Com o crescente aumento do trânsito êste assunto pede, na verdade, uma solução urgente.

Se o problema é, quanto à engenharia—e dada a competência dos nossos técnicos—de resolução fácil, já o mesmo se não pode dizer quanto a achar a solução mais conveniente para a urbanisação de um local, de grande e forçado tráfego, situado em pleno coração da cidade.

O problema não é, pois, de técnica: é de urbanismo. Lembremo-nos que o local é o nó de tôdas as comunicações entre a parte alta e a parte baixa da cidade, o ponto obrigatório da passagem de grande parte do trânsito—camionagem e turismo—entre Pôrto Figueira-Lisboa, Pôrto-Coimbra-Lisboa, para a Barra e para Ilhavo, etc. E é necessário atender não só à fácil passagem dos veículos, mas também à comodidade e facilidade de trânsito para os peões, que no local são sempre muito numerosos, dado que não há no centro da cidade outra ligação entre as duas populosas zonas em que a Ria a divide.

E para complicar e dificultar êste problema de urbanismo há a topografia do local, com o desnivelamento em que se encontram, em relação umas às outras, as diferentes artérias servidas por as duas antigas e inestéticas pontes.

O problema é muito difícil, na verdade, e qualquer solução terá de encontrar sempre inconvenientes. Todavia, se não se puder encontrar a solução *óptima* procure-se, então, a *bôa*, a melhor, mas resolva-se o problema por uma vez.

Há anos, já, a Comissão de Turismo de Aveiro encarregou o sr. Eng.º Moreira de Sá (o empreiteiro das obras do Mercado em construção) de estudar devidamente êste assunto com o fim de o resolver e de lhe dar execução. Esse engenheiro apresentou o seu estudo, as respectivas plantas e alçados e o orçamento (que estava dentro das possibilidades do Turismo de então) mas, por circunstâncias que desconhecemos, não se deu execução ao projecto.

Por êste projecto o local era considerado, como convinha: uma praça ou largo de modo a facilitar o trânsito. Tanto as pontes, como as cortinas dos cais entre as pontes, eram alargadas convenientemente, para o lado da ria, por largos passeios. No centro desta Praça ficaria, a fazer a sua placa central regularisadora do trânsito, uma abertura para a Ria, rodeada, também, por um passeio.

O conjunto formaria como que uma ponte única, de belo e pouco vulgar efeito arquitetónico realçado por candieiros de iluminação e motivos ornamentais tanto nos extremos dos parapeitos ou varandim da ponte, como no da placa central.

O trânsito de veículos far-se-ia como actualmente, em sentido único, em volta da referida placa.

Esta solução do problema muito se assemelhava à também pensada ligação pura e simples das duas actuais pontes. Aquela tinha, porém, a vantagem de ser muito mais económica e, para o efeito, de resultados semelhantes, além de se prestar melhor a uma valorisação estética nada para desprezar ou esquecer naquele local da cidade.

E assim, as pontes, orgulho dos aveirenses, e que à cidade emprestam uma certa beleza de sabôr e côr locais, seu cartaz policromado ou seu ex-libris, inconfundível, não desapareceriam. Teriam de ser modificadas, modernizadas, sacrificando-se às exigências da civilização, perdendo em carácter local, mas ganhando, talvez, pela nova beleza arquitetónica e até pelo ineditismo. E o instante problema da melhoria do trânsito no centro da cidade ficaria resolvido sem, contudo, se poder pôr de parte a ideia da construção de duas novas pontes, uma no Rossio, ao fundo do canal, e outra para substituïção da actual ponte da Fonte Nova.

Evidentemente, e porque não podia deixar de ser, esta solução não agradou a tôda a gente, embora a Comissão de Turismo de então a tivesse aceitado e perfilhado.

Surgiram, mais tarde, outros alvitres, e o que teve, e parece ter ainda, mais nomeada e adeptos, foi o da substituïção das duas actuais pontes por uma única, larga, em frente do Arcada Hotel.

Esta solução não resolve, e, a nosso vêr, complica ainda mais o problema do trânsito nêste local. E duvidamos que o efeito estético ou arquitetónico do local podesse ser grandemente valorizado com tal solução em contraposição à primeira. Lembremo-nos de que uma tal ponte, assim, larga e curta, ficaria com a sua largura quási igual ao comprimento, a modo de uma ponte quadrada, o que equivale a dizer um pequeno largo ou praça, sem vantagem para o trânsito que, dêste modo, ficaria *entaipado* pelo edifício do Arcada-Hotel.

O trânsito de automóveis nos dois sentidos por esta ponte tem grandes inconvenientes e não pouco é o das curvas forçadas de entrada e saída para quem se dirige ou vem da Barra, da Avenida ou do Rossio. E não seria possível o estacionamento de veículos em frente do Arcada-Hotel para não dificultar a manobra de dois carros que se encontrem aí à entrada da ponte.

Além do que, esta solução tornar-se-ia muito dispendiosa, fora das possibilidades orçamentais da Câmara, por obrigar à construção de dois novos e fortes *encontros* e ao aumento da secção e curvatura das vigas de suporte para cargas muito pesadas, conservando à ponte uma altura suficiente para não dificultar o trânsito de barcos na ocasião das grandes marés.

O problema é—diremos ainda uma vez—mais de urbanismo do que pròpriamente de estética e de técnica. E ambas as soluções devem ser muito bem estudadas e calculadas, devendo, por isso, ponderar-se para cada uma delas, ou doutras que possam ainda aparecer, os prós e os contras para se não cair, com a transformação que se pretende fazer, num mal superior ao actual.

Oxalá êste assunto possa ser resolvido ràpidamente, como o exige o interesse da cidade. Estamos certos de que as entidades a quem foi agora confiado o estudo do problema o saberão resolver com superior critério, inteligência, meticulosidade e a competência de que têm dado provas em outros trabalhos da sua autoria. Pela nossa parte só temos que aguardar, confiados.

* *

Além túmulo

João Aleluia

Fez ontem cinco anos que a Morte o aniquilou, atirando-o para a sepultura.

A sua figura aprumada ainda não foi esquecida e a sua memória continua a ser venerada, principalmente pelos seus e pelo pessoal do importante estabelecimento fabril que tem o seu nome.

Francisco Vieira da Costa

Foi dos nossos melhores e mais sinceros amigos. E a-pesar de há oito anos dormir o sono eterno no cemitério de Luanda, o seu espírito jovial paira ainda sôbre esta casa onde todos o estimavam, como merecia.

Saudosamente os recordamos.

REPAROS

Chamam-nos a atenção e perguntam-nos se achamos bem aquelas duas placas colocadas por cima dos *guichets* da bilheteira da estação do caminho de ferro, onde se lê: *entrada* e *saida*.

Achamos mêsmo muito mal e estranhamos que ainda não tenham sido arrancadas, visto a *bicha* fazer-se agora noutro sentido, para comodidade do público...

O PASSADO

A propósito duma colectividade recreativa que agora fechou as suas portas com cêrca de 85 anos de existência, acabamos de ler isto num jornal de Lisboa:

Como era alegre a vida no tempo da nossa mocidade!

Já de nossos avós vinha essa encantadora herança.

A juventude parecia não conhecer preocupações, divertia-se e, com o seu esfôrço, com carinho, com muito amor, criava os meios que lhe proporcionava o recreio do espírito, a bôa e franca disposição da alma.

Eram os grupos dramáticos, os grupos musicais e com êles se formavam em vários bairros da cidade as sociedades de recreio, algumas das quais ainda hoje existem vergadas ao respeitável pêso dos anos de existência, a atestar um passado—que se distancia com o rolar dos tempos—de alegria, franqueza, lealdade e bôa camaradagem.

Tempos em que todos se olhavam como irmãos, como amigos, e não com desconfiança, vendo em cada ser um inimigo.

O presente é a antitese do passado.

Na melhor das intenções converteu-se a alegria numa espécie de produto de importação, limitaram-lhe o meio, cortaram-lhe as asas e foi definhando... definhando... até chegar às portas duma semi-neurastenia.

E' assim, realmente. Mas como não se lhe pode dar volta...

Visitai o Parque da cidade

Barra de Ílhavo?!

Enquirem de nós se conhecemos alguma barra em Ílhavo e aonde fica situada.

O *Jornal de Notícias* é que sabe...

Congresso Beirão

Terminaram, em Vizeu, os trabalhos desta assembleia onde muito se falou, havendo, por vezes, discussões acaloradas.

Da imprensa regionalista ocuparam-se dois congressistas muito pela rama, nada ficando resolvido que particular ou colectivamente nos interesse, visto as divergências continuarem.

Também foram apresentadas teses sôbre o problema da ria e barra de Aveiro, sendo, por último, resolvido que o VIII Congresso se efectue na Guarda, consoante os desejos dos representantes daquela cidade.

BOLETIM

As juntas de freguesia de Lisboa têm um Boletim oficial dirigido e editado por uma Comissão Central. Não o conheciamos. Mas agora foi-nos enviado o número dedicado às comemorações centenárias, que muito honra aquêles organismos administrativos da capital e onde se lêm descrições comprovativas da sua actuação dentro das possibilidades de cada um ou em conjunto.

Agradecemos à Comissão Central das Juntas de Freguesia em referência o prazer que nos deu com a oferta do número especial do seu Boletim.

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram ante-ontem anos, o sr. Alvaro de Sousa, empregado nos escritórios da Companhia Industrial de Portugal e Colónias e o inocente António José, filho do sr. Joaquim da Costa, escriturário da Direcção de Estradas do Distrito; no dia 23 fálos a menina Maria Emilia dos Reis, interessante filha do sr. Joaquim dos Reis, ausente na América do Norte, e os sr.s António da Naia Rodrigues da Paula e José Lopes Godinho, professor em S. Martinho da Gândara (O. de Azemeis); em 24, a sr.ª D. Maria Luiza de Almada Saldanha Rodrigues dos Santos, esposa do sr. José Rodrigues dos Santos, 1.º tenente da Armada, e o sr. Custódio Marques Pitarma, industrial de panificação em Sacavem; em 25, a sr.ª D. Maria Isabel Farto Ramos, professora oficial em Esgueira e esposa do nosso amigo Henrique Ramos, da Foto-Central, *e os srs. Carlos Vieira Tavares e Marino Moreira, residente na Beira (Africa Oriental); em 26, a gentil Maria Helena Lebre Canelas, dilecta filha do sr. dr. Roberto de Azevedo Canelas, advogado em Cantanhede, e o professor Lutário Casimiro da Silva, residente em Couto do Mosteiro (Santa Comba Dão); e em 27, a menina Carmen Honorina Ferreira de Sousa, filha do sr. Reinaldo Neto de Sousa, escrivão de Direito em Penafiel.*

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo efectuou-se ante-ontem o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Perpectua Trindade Salgueiro, interessante filha da sr.ª D. Virginia da Rocha Trindade Salgueiro e de seu marido o sr. António Salgueiro, há mêses falecido, com o sr. Manuel Branco Lopes, 2.º tenente da Armada e filho do nosso amigo sr. Francisco Pereira Lopes, sócio dos Armazens de Aveiro, L.ª *e de sua esposa a sr.ª D. Ana Rosa Branco Lopes, professora oficial.*

A cerimonia, revestida de certa solenidade. decorreu na maior intimidade, devido ao luto recente que envolve os nubentes, sendo celebrante o rev.º dr. Francisco Inácio dos Santos, primo do noivo, da Guarda, que proferiu uma brilhante alocução alusiva ao acto.

Assistiram, por isso, só pessoas de familia, tendo paraninfado, por parte da noiva, seus tios a sr.ª D. Ascenção de Oliveira Salgueiro e o sr. João José Trindade; e pelo noivo, seu pai e a sr.ª D. Aldina Mourão Gamelas.

Em seguida foi servido em casa da mãi da noiva um fino copo de água, *findo o qual os recem-casados partiram, em viagem de núpcias, para o sul, devendo, depois, fixar residência na capital.*

O Democrata, *cumprimentando os conjuges, deseja-lhes, como são merecedores, um ridente porvir.*

Praias e termas

De Ovar seguiu para a Curia, com sua esposa e gentil filha, mademoiselle *Branca Ofélia Carvalho da Silva, o sr. Henrique Silva.*

Partidas e Chegadas

Chegou do Lobito (Africa Ocidental) para onde embarcara há três anos, o nosso conterrâneo Alberto de Lima e Castro Ruela, filho do antigo contador da comarca, sr. dr. Alberto Ruela.

—Com sua familia encontra-se entre nós, a passar algum tempo, o sr. Custódio Marques Pitarma, residente em Sacavem.

—Estiveram nesta cidade os srs. José de Mesquita Lelo e Abilio de Menezes e esposas, do Porto; Vitor Hugo Mendes Rebelo, professor na Granja do Ulmeiro (Soure) e também sua esposa; e Leodgario Augusto de Bastos, residente em Evora.

—Acha-se em Lisboa a nossa ilustre conterrânea, sr.ª D. Gabriela de Melo Rebelo.

Doentes

De Lisboa chegam-nos noticias animadoras sôbre o estado do nosso presado amigo, sr. José Moreira Freire, que ali se encontra em tratamento.

Muito estimamos que as melhoras continuem a acentuar-se e que o seu restabelecimento se não faça esperar.

Correspondências

Esgueira, 18

Devido talvez a outras festas que se realizaram no mesmo dia, a Senhora do Rosário não teve a animação dos mais anos.

Paciência.

—Com 73 anos finou-se, segunda-feira, o sr. José Nunes Morgado que teve um enterro bastante concorrido.

—Também hoje sucumbiu aos estragos duma cirrose no fígado, Manuel Fernandes da Silva, mais conhecido pelo *Numero 2*.

Era casado, tinha 52 anos e à última morada acompanharam-no numerosas pessoas.

A's famílias enlutadas, sentidos pêsames.

—Faz hoje anos o menino José Fernando, filho do nosso amigo Fernando Betencourt, 2.º sargento de Infantaria 10.

Parabéns.

C.

Mamodeiro, 19

Já não pertence ao número dos vivos o nosso amigo, abastado lavrador e velho assinante deste jornal, João Henriques Caldeira. Morreu no sábado, quási repentinamente, visto poucas horas haverem decorrido após a doença súbita que o fez recolher à cama para não mais se levantar. Tinha 42 anos, era casado com uma irmã do também nosso amigo Augusto Ferreira Marques e deixa um filho, Augusto Marques Henriques a quem muito queria.

Eximio caçador da freguesia de Requeixo, o enterro de João Caldeira efectuou-se no domingo com grande acompanhamento e no meio da consternação de quantos o estimavam.

Sentindo o inesperado desenlace, aqui deixamos à família enlutada o nosso cartão de condolências.

C.

Necrologia

Desde quarta-feira à noite que não pertence ao número dos vivos a viuva de Manuel Rodrigues da Paula Graça, êsse antigo industrial e modesto republicano a quem a Morte atirara, cêdo para a sepultura, mas ainda hoje lembrado por quantos lhe apreciavam as qualidades.

A extinta, a quem uma pertinaz doença vinha torturando a existência, deixou o mundo aos 58 anos, tendo-a acompanhado, ante-ontem, à última morada apenas um reduzido número de pessoas, visto certos elementos terem primado pela ausência, o que se tornou notado.

Lamentando o desenlace, acompanhamos os quatro filhos na dôr que os compunge, nomeadamente Joaquim da Paula Graça, empregado no Banco Pinto & Sotto Mayor do Pôrto.

* * *

Em Vagos deixou de existir, com 70 anos de idade, a sr.ª D. Palmira Maria da Rocha, natural desta cidade, e viuva do sr. dr. João Mendes Correia da Rocha.

Entre os filhos que deixou conta-se a sr.ª D. Palmira da Rocha Vidal, esposa do digno chefe da secretaria da Câmara daquele concelho, sr. Duarte Vidal.

Os nossos pêsames.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Tereza Rodrigues de Melo, viuva, de 77 anos; na *Povoa do Paço*, António Rodrigues Barbosa, casado, de 81; e em *Verdemilho*, Manuel Nunes da Fonseca Brandão, viuvo, 84.

DECLARAÇÃO

A *Sociedade dos Vinhos Scalabis, L.ª* declara que deixou de estar ao seu serviço o sr. João José Ribeiro Júnior.

Aveiro, 19-9-940.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Comarca de Aveiro

—x—

Editos de 30 dias

2.ª publicação

Por êste Juízo, primeira secção, Chefe Cristo, correm seus termos uns autos de execução por custas e selos em que é exequente o Ministério Público e executado Claudino de Jesus Matias, casado, comerciante, das Cabecinhas, por apenso à acção de investigação de paternidade ilegitima que o executado moveu contra Maria de Jesus Caseira e marido, das Cabecinhas. E nos mesmos autos correm editos de 30 dias a contar da segunda e última publicação dêste anuncio notificando Maria de Jesus Caseira e marido José dos Santos Matias, lavradores, das Cabecinhas, na qualidade de comproprietários dos prédios:—Uma terra lavradia, sita no Ribeiro, e um pousio sito na Ponte de Vagos, ambos da freguesia de Vagos, e um terreno sito nas Barrocas, freguesia da Vera Cruz, da cidade de Aveiro, de que foi penhorado o direito e acção que o executado tem naqueles prédios e para no praso de três dias findo o dos editos, fazerem as declarações que entenderem nos termos do artigo 863 do Código do Processo Civil.

Aveiro, 26 de Julho de 1940

Verifiquei:

O Juiz de Direito

Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 1.ª secção

Julio Homem de Carvalho Cristo